

OS ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS DE LUZ E SOMBRA ILUSTRADOS NA OBRA O VISCONDE PARTIDO AO MEIO DE ÍTALO CALVINO

Maria Alice de Oliveira Rocha

Aluna do curso de Psicologia - UNIFACP

RESUMO: Este artigo tem o propósito de analisar o personagem Visconde de Terralba, no momento transitório da fase jovem para a fase adulta, principal personagem da obra literária de Ítalo Calvino (1952). Para esse fim, foram realizadas pesquisas bibliográficas baseadas nos estudos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, nas obras O homem e seus símbolos (1964), Arquétipos e o inconsciente coletivo (1959), e Aion (1951).

Foi possível efetuar uma apreciação do texto utilizando os conceitos de arquétipos de luz e sombra após o personagem do romance O Visconde Partido ao Meio ter sido dividido em duas partes, sendo uma delas o seu lado direito bom e a outra, o seu lado esquerdo mal, após ter sido atingido por uma bala de canhão. O autor expõe essa dualidade do personagem, que não consegue lidar com as duras verdades da vida e só obtém um equilíbrio entre ser bom demais ou ser mal demais após se confrontar com o amor. A história culmina na conciliação das duas partes, acontecimento que pode ser interpretado como no processo de individuação descrito por Jung.

Palavras-chave: arquétipo, individuação, conciliação, luz e sombra

SUMÁRIO 1 – INTRODUÇÃO; 2. DEFINIÇÃO JUNGUIANA DE ARQUÉTIPOS (p.14); 2.1 Arquétipos e inconsciente coletivo (p.15); 3. A LUZ E A SOMBRA DO VISCONDE (p.15); 3.1 A obra (p.15); 3.2 A ferida (p.16); 3.3 A sombra de Visconde (p.17); 3.4 A luz de Visconde (p.19); 3.5 O relacionamento das partes e a conciliação (p.20); 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS (p.23); REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (p.24).

1. INTRODUÇÃO

O livro *O Visconde Partido ao Meio*, com título original em italiano *Il Visconte Dimezzato*, é uma leitura inusitada, um romance que pode ser considerado uma fábula, embora não tenha animais. Um jovem rapaz chamado Medardo, que recebera o título de Visconde de Terralba, parte de sua terra natal para um confronto com os turcos em defesa de cristãos e com um balaço de canhão, acaba dividido ao meio. Essa representação foi analisada com base nas definições propostas por Carl Gustav Jung. Trazendo a história para o homem da contemporaneidade sob um olhar metafórico, torna-se possível efetuar uma análise do mundo conturbado da nossa psique, com muitos dilemas e angústias, verdadeiros momentos de escuridão pelos quais passou o jovem Visconde de Terralba, e demonstrar a importância de manter um equilíbrio emocional diante das adversidades. “Criatividade às vezes precisa da proteção da escuridão, de ser ignorado. Isso é muito óbvio na tendência natural, muitos artistas e escritores não têm que mostrar suas pinturas ou escritos antes de terminarem.” (VON FRANZ, 1999, p. 106)

2. DEFINIÇÃO JUNGUIANA DE ARQUÉTIPOS

Fundador da escola da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra suíço que desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, de arquétipos e do inconsciente coletivo. Jung nasceu em Turgóvia, Suíça em 26 de julho de 1875 e seu falecimento ocorreu em 6 de junho de 1961. Jung possuía um grande laço com a religião e misticismo. Segundo Ferret e Gomes, no trabalho *A Religião na Obra de Jung: Contribuições para a Compreensão do Homem Moderno*, o psicólogo via a religiosidade como uma função natural e inerente à psique, chegando a considerá-la um instinto.

O pai de Jung abdicou da carreira acadêmica para viver no interior da Suíça como pastor luterano. A mãe de Jung descendia de uma família de posses

e seu pai chegou a ser prefeito da Basileia. Ela era ligada ao misticismo (BERTRAND, 2017). Aos 13 anos ouviu seu pai dizer a um amigo que não imaginava como Jung iria se sustentar, supondo que ele não tinha jeito para nada. Bertrand conta que Jung, preocupado com o fato de ter que sustentar-se, Jung foi para a biblioteca de seu pai, que era um intelectual, e leu seu primeiro livro: Schopenhauer, seguido por Nietzsche, Kant, Goethe, e outros renascentistas e grandes filósofos. Tornou-se um amante da leitura. Progrediu intelectualmente de tal forma que um de seus professores se recusou a dar nota em um trabalho escrito por Jung, alegando plágio.

Médico aos 24 anos e psiquiatra aos 26, Jung trabalhou com Freud por 8 anos. Lino Bertrand, especialista em psicologia junguiana, escreveu no artigo A Vida de Jung sobre a uma das diferenças entre os dois: “Para Freud o sentido da vida é aquisição de conhecimento em busca da perfeição, enquanto para Jung, é a realização do si mesmo que traz um sentimento de plenitude que leva a transcendência, apesar das diferenças assimétricas e imperfeições humanas.”

2.1 Arquétipos e inconsciente coletivo

No período em que Jung escreveu O Livro Vermelho, publicado em 2009, ele também servia ao exército suíço. Mesmo nesse ambiente, Jung propôs um poderoso e invisível sistema de formas que guia a mente humana: os arquétipos. Segundo Carl Jung, as sociedades humanas participam de arquétipos comuns que se expressam através dos mitos, da arte, da religião, dos sonhos e também da loucura e das doenças psíquicas. Um conteúdo arquetípico se expressa em primeiro lugar, em metáforas.

Arquétipos são crenças, símbolos, características, figuras, formas, padrões de comportamentos, é um modelo ideal, sentimentos e emoções. Um arquétipo pode fazer com que enfrentemos uma situação com coragem ou covardia. Em seu livro Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, 2002, os arquétipos fazem parte do inconsciente coletivo, representam um conteúdo inconsciente e poderão ser ativados em determinadas situações de nossas

vidas, diante das experiências que vivemos. Possíveis de serem modificados de acordo com a percepção, o arquétipo pode ser considerado um modelo abstrato hipotético. De acordo com Jung, existem, a partir do inconsciente coletivo, inúmeros arquétipos e o homem da antiguidade há muito já se sentia atraído por símbolos, fossem eles religiosos ou não.

3. A LUZ E A SOMBRA DO VISCONDE

3.1 A obra

O livro *O Visconde Partido ao Meio*, com título original em italiano *Il Visconte Dimezzato*, foi publicado em 1952, sete anos após o final da segunda guerra mundial, pela editora italiana Einaudi. Foi escrito por Ítalo Calvino, escritor italiano.

Ítalo Calvino (1923-1985) foi um escritor italiano autor dos livros "*O Cavaleiro Inexistente*" e "*O barão nas árvores*", obras que o consagraram como um dos maiores escritores italianos do século XX. Ítalo Calvino nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba, no dia 15 de outubro de 1923. Seus pais eram cientistas italianos que passaram uma curta temporada no país para depois retornar à Itália, onde cresceu.

A história é narrada pelo sobrinho do Visconde de Terralba. Terralba é atualmente uma comuna da região da Sardenha, na Itália. O romance se desenrola em torno de um jovem, Medardo, que adquiriu o título de Visconde em decorrência da nobreza de sua família. Ao querer agradar alguns duques vizinhos, Medardo sai de Terralba para uma batalha contra os Turcos e acaba ferido.

3.2 A ferida

No horizonte, uma nuvem de turcos despontava e, ao lado de Medardo, os veteranos da cristandade cuspiendo tabaco mal conseguiam ficar em pé. Medardo e seu fiel escudeiro, Curcio, caminham em direção aos ímpios para

início de um confronto. Seu fiel escudeiro alerta para que o Visconde não olhe para trás. Como quem diz “siga em frente”, Curcio, o escudeiro, não queria que Medardo desanimasse, dada sua notável ansiedade devido ao primeiro combate, primeira batalha da sua vida. O Visconde, em busca da vitória, dá seu primeiro passo e avança.

Superando toda a ansiedade misturada com o medo do desconhecido, o Visconde atinge o primeiro inimigo turco e o derruba. Com tantas incertezas e em meio a toda aquela confusão, parecia que os cristãos venceriam a batalha. Os turcos caminhavam com seu canhão com rodas, lentos e barbudos em direção a fileira de cristãos liderada pelo Visconde ainda tão inexperiente com as táticas de guerra. Medardo com toda sua ingenuidade encarou o canhão de frente, quando o correto é se aproximar lateralmente, pelo lado da culatra, por onde é efetuado o carregamento das munições, conforme explica o autor Calvino, e caminhou em sua direção com a espada em punho na esperança de derrubar os turcos. Sem titubear, os rebeldes dispararam o canhão e o Visconde saltou pelos ares partindo-se ao meio.

Durante a noite, os inimigos davam trégua e os carroceiros partiam pelo campo de guerra recolhendo os feridos e mortos. Os restos de Medardo foram destinados à carroça dos feridos. Ao levantarem o lençol, os médicos se depararam com a metade do corpo do Visconde. Costuraram essa metade mas não tinham nenhuma expectativa de que ele sobreviveria. Enganaram-se. No dia seguinte, o Visconde de Terralba abriu o olho esquerdo, estava vivo e partido ao meio. A metade do corpo que sobrevivera a princípio, fora a esquerda. A partir desse momento, Medardo se afasta da sua individualidade, da sua unicidade.

3.3 A sombra de Visconde

A primeira metade, restaurada pelos médicos militares, retorna ao castelo de Terralba, como um ser do mal. A maldade estava impregnada em seu âmago. A metade má de Medardo, apelidada de Mesquinho, maltrata, subjuga, corta, destrói, castiga e mata sem se importar com os laços que possuía com as

pessoas, antes de ter sido dividido ao meio. Perde o respeito por todos. O primeiro a se apresentar em Terralba é o Mesquinho, que passa a morar no castelo. A princípio, Mesquinho se isola de todos, mas quando resolve sair quer cortar pela metade tudo o que vê pela frente, como se não admitindo que as pessoas pudessem viver na completude e ele não.

Medardo perdeu a total consideração, respeito, e afetividade por todos, inclusive por seu sobrinho e sua ama de leite, a quem expulsa cruelmente do castelo e envia para morar na comunidade dos leprosos. Após a batalha, ele passa a viver momentos sombrios, ignorando a importância de vínculos sociais.

Segundo Jung em *O Homem e seus Símbolos*, a Luz e a Sombra parecem estar divididas igualmente na natureza humana, de modo que a totalidade psicológica aparece sob uma luz amortecida (2008).

O arquétipo da Sombra pode aparecer em diversos momentos de nossas vidas. Isso pode acontecer através, ou em virtude de intercorrências da vida como erros que cometemos no passado, fraquezas e vícios.

Em *Aion*, a Sombra é o arquétipo que frequentemente mais perturba o eu e, por sua vez, é negativo e desfavorável. Uma parte de nós onde colocamos tudo o que não aceitamos de nós mesmos. Constatar esses entendimentos e sentidos obscuros da personalidade para trabalhar o autoconhecimento é um trabalho muito doloroso e que pode durar um longo espaço de tempo. Olhar para aquilo que não quer ver, se recusar a olhar para o abismo interior e para as profundezas do ser.

As emoções do Visconde se apresentam de forma descontrolada tal qual um ser primevo sem capacidade de julgar moralmente a si próprio. Essa sombra se projeta no outro de forma inconsciente. Segundo Jung, em *AION* (2008) a consequência da projeção é um isolamento do mundo exterior.

Num primeiro momento, após seu regresso em Terralba, Medardo se fecha e se isola dentro do Castelo e não quer contato com ninguém. Nem ao menos com seu pai e muito menos com sua ama de leite. Essa perda de respeito por todos e a agressividade velada do Visconde é decifrada no início do processo

de individuação de Jung quando começamos a buscar harmonizar o consciente com o nosso eu interior.

Essa colisão, esse conflito, começa a violar sua personalidade. “O ego sente-se tolhido nas suas vontades e ou desejos e geralmente projeta essa frustração sobre qualquer objeto exterior” (JUNG, 2016 p.219) responsabilizando tudo e todos por suas frustrações, utilizando essa agressividade como uma estrutura de defesa.

O mecanismo de defesa é um subterfúgio inconsciente do ego ao perceber que o indivíduo se encontra ameaçado em determinadas situações. O Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2022) define mecanismos de defesa como: “Diferentes tipos de operações em que a defesa pode ser especificada. Os mecanismos predominantes diferem segundo o tipo de afecção considerado, a etapa genética, o grau de elaboração do conflito defensivo etc.” (p.277). A agressividade e falta de empatia apresentadas por Mesquinho, como cortar tudo que estivesse ao seu redor ao meio, podem ser entendidas como mecanismos de defesa.

As atitudes de Mesquinho podem ser melhor compreendidas ao descrever a Sombra em duas formas: A Circunstancial e a Cronificada. Carlos Amadeu Byington (2019) traz essa diferenciação em seu artigo "Defesa e personalidade patológica". Byington escreve que a Sombra Circunstancial é uma disfunção passageira que permite o ego consciente vencer barreiras sem necessitar de ajuda da psicoterapia; e a Sombra Cronificada, que exerce um bloqueio de acesso ao consciente, o impedindo de vencer suas Sombras sem o auxílio da psicoterapia.

3.4 A luz de Visconde

A segunda metade do Visconde que todos acreditavam que não tivesse sobrevivido, após o combate foi tratada por eremitas locais que não se sabe se eram do lado da Trindade Cristã ou de Alá de Maomé. Essa metade, que era

dotada apenas do lado bom, apareceu em Terralba algum tempo depois do desembarque da primeira metade.

Medardo, O Bom, dedica suas atividades em prol de ajudar pessoas de Terralba. Logo após o seu retorno, as pessoas ficam confusas e incrédulas quanto a tanta bondade aflorada de repente, até entenderem que se tratava do outro lado do Visconde, o lado direito. O excesso de moralismo e bondade também não agrada seus conterrâneos e não tarda para que O Bom se torne um ser tão indesejável quanto O Mesquinho.

É questionável se o lado bom de Medardo, o lado da Luz, seria suficientemente bom, por não ter sido suficiente para iluminar o lado obscuro de Medardo. Até então ele negligência o lado da sombra sem ter a consciência de que somos todos imperfeitos e que a luz e sombra devem caminhar juntos.

Um personagem que passou por uma situação semelhante foi Peter Schlemihl, protagonista da novela alemã A História Maravilhosa de Peter Schlemihl, que vende sua sombra ao diabo em troca de uma bolsa de infinitas moedas de ouro. Descobriu que um homem sem sua sombra é rejeitado pela sociedade e passou a viver em isolamento absoluto (CORSO, 2006).

“... não tem sentido a luz num mundo em que está ausente seu oposto, a obscuridade. O homem deveria dar atenção ao sábio conselho da mãe e obedecer à lei inexorável da natureza que delimita todo ser. Jamais deveria esquecer que o mundo existe porque os seus opostos são mantidos em equilíbrio. O racional é contrabalançado pelo irracional” (JUNG, 2000, p.103)

3.5 O relacionamento das partes e a conciliação

Do ponto de vista empírico, a luz não produz a sombra e nem a sombra produz a luz, mas ambas são correlatas. Partindo deste pressuposto, podemos dizer que o bem e o mal não são derivados um do outro, mas sim que cada um é autônomo. O Mesquinho somente encontraria sua completude no lado bom e o Bom, por sua vez, somente encontraria sua completude no lado Mesquinho.

Na concepção cristã, as duas metades são irreconciliáveis. Elas nunca formam uma unidade. Cristo e o Anti Cristo não são uma unidade, mas sim dois seres autônomos (JUNG, 2008). Nessa interpretação, a sombra é a ausência da luz. A religião explora um conceito que diz existir um Reino Celestial e o mundo de fogo da condenação. Essa dualidade nos traz um posicionamento tanto no campo da psicologia quanto das simbologias cristãs. Já para Jung, essa reconciliação é possível. A luz e a sombra formam uma unidade paradoxal no si-mesmo empírico (JUNG, 2008).

O processo de reconciliar e de olhar para suas próprias sombras é muito doloroso. Olhar psicologicamente para o processo de individuação à luz da religião cristã necessita de uma especial reflexão, já que, sob o aspecto religioso, em Cristo, falte a sombra (JUNG, 2008). O primeiro passo para equilibrar esse processo é aceitar que se têm sombras. Olhar para aquilo que não se quer, como os próprios desejos de vingança, a própria agressividade, e tudo o que foi reprimido. A sombra é a parte oculta da personalidade e mais destrutiva quando reprimida. Quanto menos condescendente a pessoa for, mais difícil de reconhecer sua própria sombra, e mais fácil de projetar essa sombra em outras pessoas.

A metade má do Visconde se aproxima de Pâmela Marcolfi, uma camponesa por quem se apaixona. O amor que ele sente por ela é abusivo, violento e insólito, é o amor que aprisiona, que maltrata e que ameaça, que ao invés de conduzir a felicidade, conduz a escravidão ou a um final trágico. Ele quer se casar e prendê-la no Castelo. Pâmela demonstra medo por esta situação, prevendo um destino de prisioneira. Ele a amedronta e, como demonstração de poder, coloca fogo no paiol onde dormiam o pai e a mãe de Pâmela.

Certa vez, Pâmela ao esconder-se de um temporal encontra com Medardo o Bom pela primeira vez e logo identifica que aquela era a outra metade

do Visconde e entende toda a situação e consegue ver que essa era mais uma porção do todo. O Visconde tinha sido dividido ao meio naquela batalha.

Nesse encontro, Pâmela conta ao Bom que o Mau a perseguia e que estava fugindo dele e vagava pelos bosques. O lado bom de Medardo também está apaixonado por Pâmela, que elabora um estratagema e aceita casar-se com o Bom e com o Mau, sem que ambos soubessem de seu plano que era justamente provocar o encontro, a junção das incompletudes de Medardo. O dia do casamento chega, ambos, que até então não haviam se encontrado, apesar de saberem que suas partes opostas estavam presentes vivendo em uma mesma localidade, e evitaram se confrontar, finalmente se encontram e entram em duelo pela disputa do amor de Pâmela. Foi necessário que o amor acontecesse na vida de Medardo para que a luz encontrasse a sombra e a sombra encontrasse a luz. Mais uma batalha na vida de Medardo, mas, agora, travada consigo mesmo. Durante o duelo, luz e sombra se equilibram em uma só perna, o Mesquinho consegue dar uma estocada no adversário e todos os que presente estavam conseguiram ver a mancha de sangue sob o manto do Bom que, ao desfalecer, abate sua espada no corpo do Mesquinho, que vai ao chão, também ensanguentado. Ambos estavam sangrando pelas mesmas feridas. Imediatamente o médico presente Dr. Trelawney leva as duas partes para dentro do Castelo e as une. Agora Medardo não estava mais dividido, mas unido novamente por uma mistura de maldade e bondade, sem deixar claro onde começava uma parte, a má, e onde começava a outra parte, a boa. Essa completude ficou depurando no seu inconsciente por vários dias enquanto esteve entre a vida e a morte, como se as partes, agora unidas, estivessem fazendo uma reflexão para entender como aconteceu a separação e como aconteceu a reconciliação.

Esse estado de estar dividido já era questão dos deuses da antiga Grécia. Aristófanes, um dos convidados do banquete de Platão, contou que os humanos, há muito tempo atrás, eram conhecidos por andróginos, seres que possuíam dois sexos de forma mistas e presunçosamente resolveram desafiar os deuses

(MENEZES, 2018). Zeus, com a finalidade de puni-los, os cortou ao meio, tornando-os seres humanos na figura de hoje. Desde então, cada um busca sua metade e, quando a encontra, deseja fundir-se a ela com a ânsia pela completude. São valores muito pertinentes aos dias atuais. O tempo todo estamos em busca de nos completarmos com algo que nos falte. Medardo poderia estar sofrendo com falta de amor próprio também. Ele inconscientemente vê em Pâmela uma possibilidade de transformação. Pâmela é o amor. O amor presente em pinturas, construções como o Taj Mahal, joias, poemas, canções e palavras simples. De acordo com Papalia e Feldman (2013), existem muitas formas de amor: a amizade que é onde há compreensão, apoio emocional, afeição e calor humano, paixão que pode acender-se repentinamente, do mesmo modo extinguir-se; o amor vazio, encontrado em relacionamentos duradouros onde o compromisso é o único componente e a intimidade e a paixão já se perderam; o amor romântico em que as pessoas envolvidas estão física e emocionalmente ligados porém não estão mutuamente comprometidos; amor companheiro presente onde a atração física se esgotou mas os parceiros tomam a decisão de permanecer juntos; amor instintivo, esse tipo de amor geralmente não dura, paixão e compromisso estão presentes mas sem intimidade; e finalmente o amor verdadeiro, “completo, pelo qual muitas pessoas se esforçam, especialmente nos relacionamentos amorosos. É mais fácil atingi-lo do que mantê-lo. Ambos os parceiros podem mudar o que desejam da relação. Se o outro parceiro também mudar, o relacionamento pode se dissolver.

Pâmela é quem lhe dá a possibilidade de um equilíbrio psíquico e emocional para que ele reconhecesse a si mesmo e se curasse de suas feridas internas, cessasse toda sua ira e processos negativos. O amor de Pâmela o ajuda a superar seu medo de se encontrar novamente com a Luz. A resposta de Jung para essa semântica pode ser encontrada na frase “Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina há falta de amor. Um é a sombra do outro. ”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos queremos ser fortes e corajosos, mas às vezes nos acovardamos diante das adversidades, dos obstáculos, medos e tristezas enfrentados no dia a dia. A inabilidade de Medardo na guerra é evidenciada pelas constantes perguntas ao escudeiro e o golpe quase fatal da bala de canhão. Para se preparar para o confronto com o mundo interior e o desconhecido. Após esse dilema vivido por Visconde, ele supera o conflito, passando pelo risco da morte real ou simbólica, para o retorno da vida, agora transformado.

O reencontro das metades, tendo o amor como esperada recompensa, resulta em luta e ferimento. Do ferimento, a oportunidade de reconciliação. Da dor, as partes voltam a ser unidade, talvez mais do que nunca foram. A perspectiva do visconde, agora inteiro, é do apaziguamento das partes, somado à experiência de ter sido, por um momento, cada parte separada.

A reconciliação das partes, quando encarada pela ótica dos arquétipos de luz e sombras, se compara ao processo descrito por Jung como individuação. Para Jung, as metades (luz e sombra, ou no caso do visconde, Mesquinho e Bom) seguem vivendo juntas e divididas por igual, e é dessa combinação que surge a unidade, porém a completude, a harmonia das partes, é esse processo de reconciliação, que pode surgir de um ferimento, e é relatado como muito doloroso.

A reconciliação das duas partes de Medardo em um homem sábio e completo, como afirma seu sobrinho, só foi atingida após muito atrito, evitação, e eventualmente conflito. Do mesmo modo, o processo de individuação de Jung surge do conflito, para atingir a totalidade psicológica. Sendo assim, o processo de individuação, um processo que vai até o fim da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, Lino. **A Vida de Jung. Jung na Prática**, 30 de mai. de 2017. Disponível em: <<https://www.jungnapratica.com.br/vida-de-jung/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2022

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Defesa e Personalidade Patológica | Psicopatologia Simbólica - Parte 3. Jung na Prática**, 08 de mai. de 2019. Disponível em: <<https://www.jungnapratica.com.br/defesa-e-personalidade-patologica/>>. Acesso em: 21 de abr. de 2022

CALVINO, Ítalo. **O visconde partido ao meio**. Companhia das Letras, 2011.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Artmed, 2006.

GOMES, Vinícius Romagnoli Rodrigues. **A Religião na Obra de Jung: Contribuições para a compreensão do homem moderno**. VI EPCC Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, 2009 <https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/6267/1/Vinicius_Romagnoli_Rodrigues_Gomes.pdf> Acesso em: 09 de jun de 2022.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vozes, 2000.

_____. **O Homem e seus Símbolos**. Harper Collins Brasil, 2016.

_____. **AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Vozes, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 5ª ed. Martins Fontes, 2022.

MENEZES, Luiz Maurício Bentim da Rocha. **O mito do andrógino no banquete de platão**. Revista Hélade, 31 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/helade/article/view/28045>>. Acesso em: 03 de mai. de 2022.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. AMGH, 2013.

PONTE, Diogo Valadas; SCHÄFER, Lothar. **Carl Gustav Jung, Quantum Physics and the Spiritual Mind: A Mystical Vision of the Twenty-First Century**. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4217602/>>. Acesso em: 21 de abr. de 2022. (2013).

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fada**. 1ª ed. Paulus Editora, 1999.